

## Muito mais do que fé e adoração: o papel político-social da Igreja Católica na Baixada Fluminense-RJ

### Much more than faith and worship: the political and social role of the Catholic Church in the Baixada Fluminense-RJ

MARCELO RIBEIRO SALES

Doutorando Serviço Social  
Escola de Serviço Social/ UFRJ

**Resumo:** O presente trabalho pretende abordar as ações da Igreja Católica na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro a partir da década de 1970. Esse território periférico carrega as dramáticas situações de outras periferias pelo Brasil, como violência urbana e deficiências de serviços públicos. Sendo assim, essa ausência é, de certa forma, amenizada com ações de outras instituições que fazem o papel dos entes públicos. Aqui usarei como laboratório a diocese de Nova Iguaçu e a paróquia São Simão, que são notáveis exemplos dessas ações que diminuem a grave situação de precariedade que a população enfrenta. Destaca-se o empenho de dois religiosos, o bispo D. Adriano Hypólito e o Padre Bruno, com dedicação, militância e defesa dos direitos humanos.

**Palavras-chave:** Baixada Fluminense. Igreja Católica. Teologia da Libertação. Violência. Resistência

**Abstract:** The present work intends to approach the actions of the Catholic Church in the Baixada Fluminense, metropolitan region of Rio de Janeiro from the 1970s. This peripheral territory carries the dramatic situations of other peripheries throughout Brazil, such as urban violence and deficiencies in public services. Therefore, this absence is, in a way, mitigated with actions of other institutions that play the role of public entities. Here I will use as a laboratory the diocese of Nova Iguaçu and the Parish of São Simão, that are notable examples of these actions that reduce the serious precarious situation that the population faces. The efforts of two religious, Bishop D. Adriano Hypólito and Priest Bruno, with dedication, militancy and defense of human rights.

**Keywords:** Baixada Fluminense. Catholic Church. Liberation Theology. Violence. Resistance.

## 1 Introdução

Assim como várias periferias do Brasil, a região aqui abordada é marcada pelo abandono das autoridades políticas, precariedade de serviços públicos e direitos sociais.

A expressão “Baixada Fluminense” é historicamente muito controversa, pois existiam várias configurações sobre os municípios que realmente faziam parte dela. Inicialmente, foi adotada na década de 1930 e contemplava desde os municípios de Itaguaí e Seropédica, no sul do Estado do Rio de Janeiro, até Campos de Goytacazes, no norte do Estado. A configuração atual da Baixada Fluminense engloba os municípios de Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Nova Iguaçu, Mesquita, Queimados, Nilópolis, Belford Roxo, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.

Essa região é um modelo típico de periferias das grandes cidades e regiões metropolitanas do Brasil: lugar com pouca presença efetiva do poder público, com uma ausência marcante de direitos sociais; pessoas que por muitas vezes são silenciadas; altos índices de violência, sobretudo o massacre dos mais pobres e negros; sem acesso à equipamentos culturais e de lazer, além da presença de doenças ligadas a falta de saneamento básico. Essa ausência é preenchida com ações de instituições que não são ligadas ao poder público. Entre tantos, destaca-se a presença da Igreja Católica.

Dessa forma, abordarei nesse trabalho, as ações dessa instituição secular na “Baixada”, através de uma participação de perto e de dentro, pois muito do que está contido nesse texto, tem a minha observação e testemunho. Faço também uma pesquisa em acervos de jornais e também entrevisto alguns atores sociais. No entanto, procuramos sempre manter o rigor metodológico, como deve ser um trabalho acadêmico, valorizando as memórias individuais e coletivas. Segundo Pollak, a memória é constituída por pessoas, personagens, aos quais se pode aplicar o mesmo esquema: falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida. (POLLAK, 1992).

Historicamente, desde o fim do Império Romano, a Igreja sempre esteve ligada ao poder vigente. Contudo, as condições impostas aos trabalhadores após a Revolução Industrial levaram essa instituição secular a tomar uma posição frente às precárias condições do proletariado. Vários estudos (GUTIERREZ, 1975; FREIRE, GONÇALVES E SIMÕES, 2010; BRUM, 2018) abordam a preocupação com as questões sociais que afligiam os mais pobres. Sendo assim, na segunda metade do século XX, foi se tornando imprescindível na Igreja, motivando não sem resistências, novas formas de ação e reformulação na sua maneira de lidar com o mundo. No ano de 1961, o Papa João XXIII convoca o Concílio Vaticano II, visando à adaptação da Igreja aos novos tempos. A luz do Concílio, nas periferias dos chamados países em desenvolvimento, assim como a emergência, na América Latina, surge a Teologia da Libertação a partir dos anos 1960 (MONDIM, 1980; VEIGA, 2009).

Segundo Leonardo Boff, a Teologia da libertação nasce da necessidade de uma igreja voltada para as duras realidades da América Latina, ou seja, era preciso criar uma nova forma de “ser igreja”.

O compromisso político nasce da própria reflexão da fé que exige mudança. Mesmo quando se fazem análises sobre os mecanismos de opressão, nunca está ausente a fé, como horizonte de compreensão, como a mística poderosa para a ação e como ponto de chegada de todo agir humano. A comunidade não se transforma em uma célula política. Ela é aquilo que é: lugar da reflexão da fé e de sua celebração. Mas ao mesmo tempo é o lugar onde se ajuízam eticamente, à luz de Deus, as situações humanas. A comunidade cristã e a comunidade política não são dois espaços fechados, mas abertos, por onde circula o cristão: na comunidade cristã, este celebra e alimenta sua fé; aí ele ouve a palavra de Deus, que o envia para o compromisso para com seus irmãos; na comunidade política

age e atua ao lado de outros, realizando concretamente a fé e a salvação; aqui ele escuta a voz de Deus que o chama a expressar-se na comunidade cristã (BOFF, 1982, p 27).

Dessa forma, dentro desse contexto histórico, ganha-se destaque as ações de D. Adriano Hypólito a frente da Diocese de Nova Iguaçu, primeira diocese da região da “Baixada”. Essa diocese foi criada em 26 de março de 1960 pelo do papa João XXIII, com território desmembrado das Dioceses de Barra do Piraí-Volta Redonda e de Petrópolis. Abrangia, inicialmente, os municípios de Itaguaí, Mangaratiba, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, São João de Meriti e o distrito de Conrado (Vassouras). Com a criação da Diocese de Itaguaí (14 de março de 1980) cedeu à nova Diocese os municípios de Itaguaí e Mangaratiba, e nova Diocese de Duque de Caxias (11 de outubro de 1980), o município de São João de Meriti.

A nomeação do sergipano Dom Adriano, em 1966, como bispo, logo despertou a atenção dos órgãos de repressão da Ditadura Militar (1964-1985), pois sua postura não alinhada ao regime despertava desconfiança pelo religioso. De acordo com Scott Mainwaring (1989), a chegada de D. Adriano modifica substancialmente a rotina da Diocese, porque com o novo bispo estreita-se a identificação da Igreja com as classes populares. Segundo o SNI<sup>1</sup>:

[...] tomou posse como bispo diocesano [...] foi difundido, como recordação, o seu brasão de armas, idealizado pelo irmão (...), especialista em heráldica religiosa. A combinação da foice e da cruz, adotadas por D. Adriano Hypólito, para simbolizar o seu trabalho pastoral, como, acertadamente, observou a revista “Vigília Romana” de jul/ago 72, sintetiza o “progressismo católico marxista”, do qual é seguidor<sup>2</sup>. (SOTENOS, 2012).

### Bispo Adriano Hypólito



Fonte: Acervo paroquial.

<sup>1</sup> O SNI foi criado pela lei nº 4.341 em 13 de junho de 1964 com o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informações e contrainformações no Brasil e exterior. Rede de informações usadas pela ditadura, feita muitas vezes de maneira ilícitas.

<sup>2</sup> Informação SNI nº 503/19/AC/75. APERJ: série Informações, pasta 155, fol. 66-71. 1978.

Em entrevista a Revista Cultura Vozes em 1981, Dom Adriano não se denominava militante de esquerda, mas julgava-se a favor dos Direitos Humanos e defensor de uma Igreja voltada para os pobres:

Compreendemos assim, a diferença que vai de uma atuação de Igreja para a atuação de um partido político ou de um técnico. A Igreja não inspira ao poder, como é dever de um partido político, a Igreja quer apenas servir.

Em nossa situação concreta, acho lamentável que os cristãos e católicos, que assim se apresentam declaradamente, condenem nosso esforço pastoral, visto, na visão deles, como atividade subversiva, como fruta de ideologia marxista.<sup>3</sup>

Em seu trabalho sobre a Igreja Católica e a Política no Brasil, Mainwaring (1989) aponta a Igreja de Nova Iguaçu, influenciada pelo bispo, como exemplo no trabalho desenvolvido com os movimentos populares.

O apoio do bispo às atividades progressistas na base foi decisivo, mas são as organizações de base, e não o bispo, que tiveram mais importância no apoio aos movimentos populares. Além disso, foi através da capacidade de fortalecer a sociedade civil (especialmente os movimentos populares) e não de suas negociações com a elite política local, que a Igreja apresentou mais impacto político (MAINWARING, 1989, p. 208-209).

No final da década de 1960, a Diocese de Nova Iguaçu iniciou um processo de mudanças que levou a uma aproximação com os movimentos reivindicatórios de bairros, em meio à ditadura militar no Brasil. Já na primeira Assembleia Diocesana, sob a coordenação de Dom Adriano, foi votado que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) seriam prioridade na Diocese. Essas foram relevantes espaços de conscientização e mobilização por meio de diversos trabalhos pastorais, como Círculos Operários, Clubes de Mães, Grupos de Jovens, entre outros.

Outro movimento social relevante no trabalho da Diocese foi o Movimento de Amigos de Bairros (MAB), trabalho iniciado por dois médicos sem vinculação religiosa ou governamental, atendendo à população de bairros afastados e carentes. Dessa forma, aos poucos foram percebendo que seu trabalho ficaria deficitário, uma vez que seria apenas um paliativo às graves questões sanitárias, entre outras, que afetavam a saúde daquela população (Idem).

A Diocese, buscando um trabalho em conjunto, contratou esses dois médicos e mais outros dois para iniciarem um trabalho ampliado. Aos poucos, por meio do atendimento médico e de encontros de conscientização sobre questões mais amplas, como políticas públicas e reivindicações populares, tal trabalho foi ganhando outras proporções. Esse movimento ganhou força em relação à participação dos diversos bairros da região, tornando-se um dos mais representativos movimentos de reivindicação popular da Baixada Fluminense.

Mainwaring ressalta como fator positivo, e o que talvez tenha sido um dos motivos de seu êxito, a busca de independência em relação à diocese, embora houvesse apoio explícito e mesmo o envolvimento direto de seus quadros.

Continuando o pensamento de Mainwaring, existia uma ação muito importante por parte da diocese, que foi a abertura de espaços de reunião, como salões, igrejas e capelas. Cita ainda um apoio financeiro, mesmo que modesto, por parte da diocese. Nesse trabalho, as Comunidades Eclesiais de base (CEBs)<sup>4</sup> tiveram um papel fundamental, uma vez que se

---

<sup>3</sup> Essa entrevista foi passada para a realização dessa pesquisa pelo Padre Bruno, pertence a seu arquivo pessoal.

<sup>4</sup> As Comunidades Eclesiais de Base são comunidades religiosas incentivadas pela Teologia da Libertação.

constituíam em espaços onde já existia certo interesse pelo aprofundamento sobre a realidade social à luz dos ensinamentos cristãos.

Ao estimular tantas pessoas a pensar sobre política de uma forma mais crítica, as CEBs incentivaram a participação política.

“As CEBs proporcionaram a muitos a experiência de se organizarem e de participarem, além de uma disposição para lutar por melhorias urbanas. As Associações de bairros são geralmente mais fortes nas áreas em que a Igreja encorajou a criação das CEBs. Além de criar uma base que serve de esteio aos movimentos populares, a diocese impulsionou o desenvolvimento de lideranças populares” (MAINWARING, 1989, p.223).

Como dito anteriormente, o episcopado de Dom Adriano foi marcado pela defesa dos direitos humanos numa área deflagrada pela falta de serviços públicos e violência urbana. Até mesmo para agentes policiais, utilizavam sua influência e liderança para ajudar na ajuda a testemunhas de crimes como noticiou o Jornal O Globo:

Ana só não quis fazer declarações formais ao policial, temendo represálias. O policial levou-a então ao Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito: Foi uma maratona de mais de um mês, mas eu consegui com que Ana Angélica fosse ouvida pela Comissão de Justiça e paz da Diocese e Nova Iguaçu, que tomou seu depoimento e ofereceu custódia.

(Caso de uma testemunha que tinha receio das forças policiais, O GLOBO 08/08/1986).

Para Dom Adriano, a violência era causada pela situação de miséria que vivia o país, assim como a Baixada Fluminense.

Ainda sob a ditadura militar, as posições de Dom Adriano despertaram revoltas dentro da própria diocese. No início da década de 1980, houve uma forte resistência contra o Bispo, que era acusado de ser comunista. Ao defender os excluídos, pobre, trabalhadores, recebeu diversas ameaças que culminaram em um sequestro por seis homens em 1976. Foi espancado e abandonado nu em um matagal de Jacarepaguá com o corpo todo pichado de vermelho. Os militares definiam Dom Adriano como subversivo. Seu fusca foi levado para frente da CNBB e explodido<sup>5</sup>.

O bispo foi ameaçado de morte e chegou a ser aconselhado por amigos e até por superiores a deixar a Baixada, mas ele resistiu.

Dom Adriano Hypólito e Padre Bruno



Acervo paroquial

Espalharam principalmente nos anos 1970 e 80 no Brasil e na América Latina. Organizam-se em torno das paróquias, capelas, centros sociais ou associações comunitárias por iniciativa de leigos, padres ou bispos.

<sup>5</sup> Disponível em : <https://diariodorio.com/dom-adriano-hypolito-o-bispo-da-baixada/> Acesso em 21 out. 20.

## A paróquia São Simão: uma tradição de resistência

Historicamente, a paróquia tem uma inclinação para questões sociais e direitos humanos. A comunidade local, mesmo antes da influência da Teologia da Libertação, sempre teve uma preocupação com os problemas locais, buscando soluções em conjunto com a paróquia.

A pedra fundamental foi implantada em 1957 no centro do bairro Lote XV<sup>6</sup>, Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu.

Na década de 1970, a paróquia teve vários padres, e já demonstrava sua inclinação para a justiça social. Isso despertou a atenção da ditadura, chegando a ter agentes da repressão infiltrados em reuniões e encontros.

Em 1979, quando a ditadura começou a dar sinais de enfraquecimento, veio a Lei da Anistia<sup>7</sup> e parte da população começou a exigir democracia. No ABC paulista, surgiu o movimento operário sindicalista que teve apoio dos setores progressistas da Igreja Católica, inclusive da paróquia São Simão, que participou e apoiou as greves<sup>8</sup>.

De acordo com Padre Bruno, no início da década de 1980, com os “novos ventos democráticos que se aproximaram”, a paróquia São Simão intensificou as suas práticas sociais. Novos movimentos surgiram como resistência contra ambientes excludentes.

Eram feitas, por exemplo, reuniões do movimento negro, chegando a ter a participação de Abdias do Nascimento<sup>9</sup>.

Ainda na década de 1980, a inflação assolava o Brasil, levando a um aumento vertiginoso dos preços. Isso levou a comunidade se organizar e manifestar contra a “carestia” e exigir do governo um controle da inflação.

## A chegada de padre Bruno e sua militância

No dia 19 de setembro de 1982 chega à paróquia o Padre Luigi Constanzo Bruno. Nascido na cidade de Fossano, na região de Piemonte, Padre Bruno ordenou-se ainda na Itália. Pouco depois, atendeu a um pedido da Igreja e decidiu vir para o Rio, em 1969. Segundo Bruno, a nova proposta evangelizadora da Teologia da Libertação atraiu jovens padres europeus a uma missão pragmática do evangelho.

---

<sup>6</sup> Bairro marcado pela deficiência de serviços públicos e violência urbana, principalmente pela histórica presença de grupos de extermínio.

<sup>7</sup> A Lei da Anistia Política foi promulgada em 1979, no governo do presidente João Baptista Figueiredo, para reverter punições aos cidadãos brasileiros que, entre os anos de 1961 e 1979, foram considerados criminosos políticos pelo regime militar.

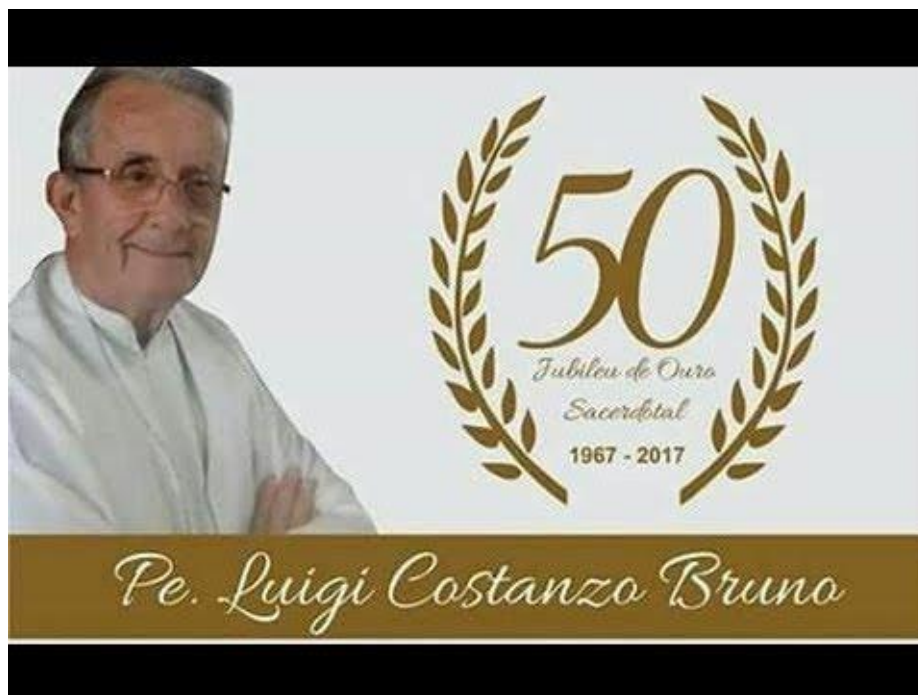
<sup>8</sup> As greves de 1978-1980 no ABC Paulista foram uma série de manifestações operárias ocorridas na Região do Grande ABC, no contexto de abertura política da ditadura militar, e que marcaram o ressurgimento do movimento trabalhista brasileiro, após a repressão promovida pelo regime entre 1968 e 1972.

<sup>9</sup> Abdias do Nascimento foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Sociólogo e economista, organizou o primeiro Congresso Negro Brasileiro, em 1950, e esteve à frente do Teatro Experimental do Negro até 1968. Foi deputado federal e senador pelo Rio de Janeiro. Foi dele um dos projetos pioneiros para propor cota de 20% de vagas para mulheres negras e de 20% para homens negros na seleção de candidatos ao serviço público.

Em sua trajetória pelo Brasil, Padre Bruno, primeiro foi para Arquidiocese do Rio de Janeiro e depois foi transferido para diocese de Nova Iguaçu.

Na arquidiocese do Rio de Janeiro, Bruno foi para o bairro da Vila Aliança, zona oeste da cidade. Junto com outros padres, elaborou uma agenda de luta e defesa de uma população abandonada e esquecida.

### Convite da celebração dos 50 anos de sacerdócio do Padre Bruno



Fonte: Acervo paroquial

O bairro do Lote XV era/é como boa parte da Baixada, marcado pela presença de vários grupos extermínio que agiam ou por pistolagem, ou como justiceiros<sup>10</sup>. Com a Ditadura militar (1964-1985), a violência elevou o número de homicídios na região, chegando a índices assustadores, maiores do que os de países em Guerras na época.

Nova Iguaçu era a oitava cidade brasileira em população, e a originalidade da conjuntura sociopolítica e econômico local, a ditadura militar deu apoio à montagem de um dos mais poderosos esquemas de execuções sumárias da história do país. A partir da criação da Polícia Militar, em 1967, na condição de força auxiliar no processo de repressão e patrulhamento preventivo, iniciou-se a escalada dos grupos de extermínio. A participação direta e, posteriormente, indireta de policiais nestes grupos, o financiamento por parte de comerciantes e empresários locais e o respaldo por parte dos grupos políticos locais forneceram as condições adequadas para o funcionamento deste aparato criminoso (ALVES 2005, p 23).

Os governantes sabiam da existência e até incentivavam os assassinatos dos “criminosos” e ao longo dos anos esses grupos expandiram suas funções além dos serviços de “segurança”. Com o retorno da democracia a partir de 1985, o Estado não podia demonstrar

---

<sup>10</sup> Entenda pistolagem como atividade realizada por um matador profissional que faz seu trabalho por recompensa ou não, já o justiceiro é aquele que mata com a ideia que está acabando com os criminosos da localidade.

sua simpatia pelas atitudes de extermínio, mas a impunidade, o medo do tráfico de drogas e a falta de segurança pública garantiram a sobrevivência de tais grupos que justificam sua atuação como uma ação necessária, em vista da insegurança nos bairros onde moram e atuam, identificando-se como promotores da proteção ansiada pela população e ignorada pelos governos (SOUSA, 2001, p 50).

Para os comerciantes, os grupos que vendiam segurança surgiram, em 1988, como os verdadeiros “Cavaleiros do Apocalipse”, varrendo da região os ladrões, traficantes e estupradores e resolvendo a tiros, o problema da falta de segurança. (O GLOBO 10/03/1991)

Em uma reportagem, Padre Bruno disse que o grupo de exterminadores que usavam uma farda marrom (igual às dos vigilantes bancários) e revólveres calibre 38, se instalou no Vale do Ipê<sup>11</sup> matando mais de 20 pessoas, acusadas de pertencer a uma quadrilha de traficantes de drogas.

“Diante de quaisquer suspeitas, eles eliminam as pessoas”, disse o pároco. Com esta máscara de legalidade, representada pela farda, carteira e porte de arma, eles tentam aterrorizar os trabalhadores e suas famílias, que acabam se vendo obrigados a pagar o “pedágio” (O GLOBO 10/03/1991).

Em entrevista realizada para essa pesquisa, ele comenta que a violência urbana é consequência do período da ditadura militar: “na medida em que a ditadura foi acabando, esses torturadores procuravam ‘bicos’, seja sendo como matadores de aluguel, seguranças, formando grupos de extermínios. Que no fundo, era a continuação da Ditadura”. (Entrevista realizada em 2019)

A vinda do Padre Bruno e outros religiosos para o Brasil foi fomentada pela nova postura da igreja a partir do Concílio Vaticano II. Quando ainda morava na Itália, o religioso relatou que as consequências da ditadura fascista de Mussolini, eram sentidas por boa parte dos italianos, pois os anos do regime fascista trouxeram mortes e pobreza para a Itália. Quando o padre chega ao Lote XV, um local marcado pela violência, ele observou as consequências de uma ditadura vigente.

Na realidade viemos para cá, influenciado pelo Concílio Vaticano II, a gente vivendo na Itália, vimos muito de perto. As ideias eram debatidas e ainda estudávamos. Aquilo muito influenciou nossos pensamentos. Na América Latina, em 1968 em Medellín veio reafirmar o compromisso com os pobres. Além disso, todos nós, que viemos da Itália, tínhamos sofrido as consequências da Ditadura de Mussolini e também de Hitler, isso era muito vivo no nosso sangue toda essa problemática. Por exemplo, tem coisa a nível pessoal...quando eu vejo “Bolsonaro falar”, vejo as mesmas atitudes de Hitler nos filmes que eu via quando era criança: Atitudes, arrogância... cria uma reação, uma repulsa...um medo! Por que Hitler conseguiu unanimidade na Alemanha! (Depoimento do Padre Bruno em entrevista, 2018).

Nesse trecho da entrevista, é interessante a sua fala, a de um estrangeiro, ao comparar o então candidato a presidente que foi eleito, Jair Bolsonaro, com Adolf Hitler. No atual contexto, comparar o presidente a um ícone histórico do autoritarismo traz uma perspectiva de alguém que vivenciou as consequências que um governo fascista pode causar a uma população.

## **Resistência e Denúncia: a Romaria da Fé**

---

<sup>11</sup> Bairro circunscrito ao Lote XV.



Em 1988, três irmãs e seus pais foram brutalmente assassinados no bairro Jardim Amapá, região da paróquia São Simão. No dia 3 de maio daquele ano, a família estava em casa quando os assassinos apareceram e realizaram o crime com requintes de extrema crueldade. A mãe, Maria das Neves, foi morta a tesouradas juntamente com o filho que ainda carregava no ventre. As irmãs Eliete, de 9 anos, Elionete, de 7, e Elizete, de 5, foram violentadas e sufocadas. Após ser obrigado a testemunhar tudo, o pai, Sebastião Vidal dos Santos, foi morto. Por fim, os criminosos mataram os passarinhos e as plantas. Não sobrou nenhuma vida (LINS, 2013).

As Três Irmãs Assassinadas.



Fonte: Acervo paroquial

O crime praticado naquele dia foi o mais brutal praticado até hoje no bairro e na Baixada Fluminense. Além de assassinar a família, os bandidos também torturaram cada membro da família fisicamente e psicologicamente. Maria das Neves foi estuprada por cada homem do bando, enquanto suas filhas assistiam ao ato. Mesmo Maria estando grávida, os bandidos não tiveram pena da mulher e da nova vida que ela gerava. Após os atos cruéis contra a pobre mulher, assassinaram o que restou dela a facadas. Depois de torturar as meninas psicologicamente, veio a tortura física e finalmente o triste fim, a morte, que foi através de facadas perante o pai delas. Sebastião assistiu toda a maldade praticada contra sua família, ele foi o último a ser assassinado. Morreu enforcado, com uma corda no pescoço. Nem as plantas e os animais foram perdoados pelo bando, pisaram nas plantas e mataram os animais.<sup>12</sup> (LINS, 2013)

Como ocorreu na região da paróquia<sup>13</sup>, esse acontecimento chocou o religioso, assim como a comunidade. A notícia se espalhou rápido por toda a diocese, num misto de indignação e revolta. As crianças participavam da comunidade e eram bem alegres, lembra o Padre Bruno:

O grande motivo da chacina foi por que o pai, que trabalhava em uma birosca no Gramacho (bairro de Duque de Caxias), resistia à pressão de traficantes que queriam montar uma boca-de-fumo. Inclusive muitos dos traficantes eram vizinhos dele. Ele resistiu e mataram toda a família. Fizemos um mês depois, um movimento ecumênico chamado de “Clamor dos mártires”. Foi um fato

<sup>12</sup> Nota-se aqui outra versão sobre o crime, mas nem por isso ameniza o horror da chacina.

<sup>13</sup> Apesar da chacina ter ocorrido no município vizinho de Duque de Caxias, a comunidade do Amapá fazia parte da Paróquia São Simão. Disponível em: <http://raizesdoamapa.blogspot.com/2011/07/chacina-do-bairro-amapa.html> . Acesso em 22 out. 20.

significativo, dentro de tantos outros. A ideia era que a gente, como Igreja, tinha que mostrar que a violência não tinha vez.

Contudo, dentro da Baixada Fluminense, apesar da extrema crueldade, era apenas mais uma chacina dentre tantas. Mas para o padre foi algo que muito impressionou, pois nunca tinha visto nada igual. Isso o levou a organizar um movimento contra a violência, algo que denunciasse e mostrasse a todos que essa violência não poderia ser vista como algo natural.

Dessa forma, perto da Páscoa, maior festa católica, os membros da paróquia organizaram um evento para denunciar toda aquela violência que já era praticamente corriqueira. Foi elaborada uma romaria que passaria pelos bairros da paróquia, sendo eles miseráveis ou não, que também tinha como objetivo litúrgico lembrar a morte e ressurreição de Jesus. Entretanto, a romaria era muito mais que isso, pois na sua passagem em determinados lugares, entre orações e cânticos, o padre denunciava toda a violência através de um alto-falante, ou seja, era um movimento de resistência.

Essa postura levou o religioso a ser ameaçado de morte pelos “matadores” locais, mas isso não o intimidou. Todo ano ele e a comunidade continuavam com a romaria, e apesar de morar em um lugar sem muitas condições, através dela, descobri que em minha paróquia havia lugares piores, onde havia muita pobreza, miséria e esquecimento.

Segundo o padre Bruno, a “caminhada” foi um sucesso ao atingir seu objetivo, que era o envolvimento de todas as comunidades.

Nesse momento, é importante ressaltar que na virada das décadas de 1980 para 1990, o Brasil passava por profundas mudanças políticas. Tinha acabado de sair do regime ditatorial e foi elaborada uma nova Constituição, que pregava muitos direitos e noção de cidadania<sup>14</sup>. Essa mudança teve consequências não somente em âmbito nacional, mas como um reordenamento político em muitas regiões pelo Brasil. Com a promulgação da nova constituição, o município recebeu tratamento especial, pois a carta magna garantiu a este, o status de ‘ente da federação’, ao lado da União e dos estados na arrecadação de tributos de competência federal e estadual. A questão emancipadora não é estritamente uma questão econômica com fins lucrativos para uma parcela da sua população, mas sim uma questão jurídica, político-administrativa e social em que o progresso e a inclusão são umas das principais circunstâncias para a criação de um município<sup>15</sup>.

Belford Roxo foi emancipado de Nova Iguaçu no início da década 1990, mas esse processo não trouxe melhorias significativas para o município que insistia em carregar a marca da violência na cidade. O primeiro prefeito eleito, o Joca, era conhecido por sua fama de “matador”.

Conversando com alguns moradores, eles relatam que “gostavam” do prefeito. É comum ouvir na cidade que Joca foi um bom prefeito. Mas com um olhar mais crítico, outros se sentiam e sentem abandonados. Segundo um morador local, entrevistado para esta pesquisa, não há confiança em políticos, bandidos ou polícia, para ele são estão todos na mesma categoria.

Com o passar dos anos, a Romaria, passou a ser uma tradição do bairro. Já não tinha somente a participação dos fiéis assíduos e fervorosos, mas também daqueles que, se consideravam católicos e queriam participar daquela celebração.

Sem querer entrar em polêmica, considero que a Romaria da Fé é uma espécie de

---

<sup>14</sup> A Constituição de 1988 é considerada a “Constituição cidadã” pela ampliação dos direitos sociais descritos em leis específicas.

<sup>15</sup> A federação brasileira viu de 1991 a 2001, o surgimento de 1570 novos municípios, o que corresponde a aproximadamente 28,21% do total de municípios existentes. (CIGOLINI, A.; CACHATORI).

Campanha da Fraternidade<sup>16</sup> em nível local. Pois, chama a atenção, todos os anos, não somente para as questões da violência, mas também denuncia e mostra o grande abandono de todos os bairros que fazem parte da paróquia.

Existiam sim, lugares mais afastados do núcleo central do bairro, que a violência era mais presente. Localidades que eram utilizados como local para o assassinato de pessoas ou desova de corpos, mas no geral, toda circunscrição da paróquia e do bairro sofriam com a violência.

A reunião estava marcada para as 19:30 e deveria durar 60 minutos. Na pauta, um único assunto: estratégia de combate a violência. No peito, uma única arma, a fé. As 50 pessoas que compareceram à Igreja de São Simão, no dia 28, ouviram com atenção as propostas do padre Luigi Bruno para a 2ª Romaria da Paz, que será realizada na Semana Santa, uma verdadeira declaração de guerra aos matadores fardados do Vale do Ipê.

Os 70 mil moradores do Lote XV não podem se intimidar com a presença desses matadores\_ explicou o padre, que abriu democraticamente a reunião para que todos pudessem dar ideias para a procissão. Nessa romaria, vamos passar, à noite, nos lugares considerados mais perigosos aqui da nossa região, para mostrar que não estamos com medo. Fizemos isso ano passado e o resultado foi positivo. Precisamos chamar as autoridades para o abandono desse povo sofrido. Durante três dias da semana, os fiéis farão uma caminhada até os bairros onde a violência chegou ao ponto mais crítico, lembrando o nome das vítimas dos grupos de extermínio e gritarão as palavras de ordem: solidariedade, vida, fraternidade, amizade, verdade, partilha, perdão, paz, justiça, fé e esperança.(...) Infelizmente, chegamos um ponto em que viramos prisioneiros desses matadores\_ disse o Padre Bruno, que recebeu a denúncia, há poucas semanas, de que existe um cemitério clandestino no bairro com nome sugestivo de “Mata-Moleque”. Não podemos sair de nossas casas à noite e nem temos tranquilidade de deixar nossos filhos sozinhos em casa. O objetivo da romaria é mostrar que somos livres pelo menos para andar no nosso bairro. (O GLOBO,10/03/1991)

Ao ler a reportagem acima, é possível observar o pioneirismo do religioso e seu protagonismo em organizar o ato para chamar a atenção do poder público. De certa forma, a própria reportagem já foi uma vitória. Afinal, o jornal O Globo tinha e tem extrema relevância como órgão de imprensa.

Todavia, ao entrevistar o padre, ele relembrou essa matéria e levantou algumas críticas sobre os dados citados. Primeiro que não era Romaria da Paz, e sim Romaria da fé, e em nenhum momento, ressalta que não levantou nenhuma guerra direta com grupo de extermínio específico, mas sim contra a violência como um todo. Mas de certa forma, a romaria ganhou visibilidade. Padre Bruno fala na reportagem e do medo de alguma represália:

Foi criada a ROMARIA DA FÉ através dos círculos bíblicos, que estavam presentes nos bairros e mais perto da realidade. Foi feita uma reunião no final dos anos de 1980 inícios anos dos 90 na qual esses líderes manifestavam uma necessidade que acontecesse um evento que unisse as forças. Havia muitos grupinhos, mas espalhados. Se sentiam frágeis também e precisavam se juntar! Daí surgiu à proposta de fazer uma campanha missionária na quaresma. Que no

---

<sup>16</sup> A Campanha da Fraternidade é uma campanha realizada anualmente pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil no período da Quaresma. Essa Campanha envolve as comunidades com ações pastorais em todo o país. Ela é marcada pelo empenho de todos em favor da solidariedade e fraternidade. Sempre abordando temas atuais, a cada ano propõe uma transformação social e comunitária. Podem ser desafios sociais, econômicos, culturais ou religiosos da realidade brasileira.

fundo era unir a ideia bíblica, do êxodo, do povo que caminha para sair da escravidão e vai juntando as forças. Aí, na medida em que o povo se sentiu forte, sentiu a necessidade de se fazer presente nos lugares de maior desafio. Por exemplo, quando fazíamos caminhadas a noite, passávamos em lugares que nem dizíamos antes por que o povo tinha medo!!! Certa vez, houve um momento de medo, quando o jornal “O Globo” fez uma reportagem sobre a violência no local. De maneira tendenciosa, veio aqui me entrevistou, andou nos bairros e usou a Romaria como caminhada pela paz, e falou que se eu tivesse falado contra os matadores. Ficou tenso.

Medo não, preocupação! Certas coisas não podiam ser denunciadas por que não tinham respaldo. Falar com quem? Não tem respaldo! O que acontece hoje na área do Roseiral. A polícia vai lá, dá tiro, mas está junto com os traficantes. Até o caveirão que assusta tanto, sai de lá cheio de mercadoria, eles fazem a partilha deles também<sup>17</sup> (...) agora, está junto das pessoas, tentar dar esperança para as pessoas de encontrar forças para resistir, dar dignidade... Manter uma chama de resistência, isso que me animou, e já tinha acontecido quando eu cheguei aqui. (...) Eu acompanhei o nascimento disso lá na Vila Aliança<sup>18</sup>.

Durante tantas Romarias da Fé, o que não faltam são histórias e memórias daqueles que se envolveram de alguma maneira. Nos dias que antecediam a Semana Santa eram realizadas várias “pequenas procissões”, a maioria pela noite circulando os bairros. Dona Maria Rivelina Silva, moradora do bairro Lote XV, bairro que de certa forma tinha mais recursos que os outros, ficava assustada com os locais de violência explícita. “O Bruno nos mostrou um local de desova feito pelo “mão branca<sup>19</sup>”, era horrível saber que toda semana alguém era morto ou jogado naquele local “<sup>20</sup>, a senhora completa.

O ápice era a Sexta-feira da Paixão, quando é lembrada a crucificação de Jesus. No primeiro ano, foi construída uma grande cruz, para ser levada em procissão por fiéis até uma comunidade previamente escolhida. Nesse momento de fé, mas também de denúncia, a romaria era ouvida por muitas pessoas graças ao feriado da sexta-feira.

A primeira Romaria ocorreu em 1990, levando a cruz à comunidade de Santa Rita, que fica em um morro, dando assim grande visibilidade.

No ano seguinte, mais uma prova de persistência dos fiéis e do padre Bruno. Com o grande simbolismo, o objetivo era levar a cruz, a casa que houve a chacina do Amapá. Que nesse momento já pertencia a paróquia<sup>21</sup> e recebeu o nome de “comunidade Nossa Senhora dos Mártires da Baixada”. Havia um carinho de todos da paróquia pela comunidade, pois violência ocorrida no lugar comoveu a todos. Desta forma o local passou a ser um símbolo de resistência, pois lá eram realizados diversos trabalhos sociais além de ,

---

<sup>17</sup> O Bairro Roseiral faz parte da paróquia e tem uma comunidade dedicada à São Sebastião. Essa localidade ganhou notoriedade nos últimos anos pela presença de facção de traficantes que disputavam territórios com grupos de milicianos.

<sup>18</sup> A primeira Igreja que o Padre Bruno veio no Brasil ficava na Vila Aliança, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Mão Branca era um mito, uma ficção e que eliminava na sua grande maioria pessoas negras e pobres da Baixada.

<sup>20</sup> Segundo José Claudio Souza Alves (2005), Mão Branca, que eram vários grupos de extermínio, atribuindo essas mortes a um único grupo. Mas Mão Branca era um mito, uma ficção e que eliminava na sua grande maioria pessoas negras e pobres da Baixada. É o elemento de preconceito, de discriminação racial, mas sempre naquela lógica: "Estamos matando quem não presta, gente ruim. Bandido bom é bandido morto". A mãe que chora por seu filho que está morto e diz que o filho nunca cometeu nenhum delito, que era uma pessoa honesta e boa, que dizer por trás disso que se fosse bandido até merecia morrer.

<sup>21</sup> A compra da casa foi com a ajuda da Diocese de Fossano, na Itália. Diocese de origem do Padre Bruno.

segundo o religioso, deveria também ser um espaço para celebrar a vida, a ressurreição. Deste modo, o local foi muito arborizado, que eram “bastantes sinais de vida que deveriam se multiplicar sempre”, palavras do padre.

Naquele ano, muitas chuvas castigaram toda a Baixada Fluminense, e no dia de levar a cruz, caiu uma grande tempestade. Foi um momento de apreensão e dúvidas. No entanto, o “povo”, como o padre fala, quis seguir em diante. “Era um momento muito importante”. Como se, desistir, fosse morrer também aquele momento, aquele lugar que já sofria com tanto descaso. Desta forma, no dia 29 de março de 1991, a procissão saiu em direção à comunidade dos mártires, no Jardim Amapá.

Debaixo de muita chuva, enchente, lama, buracos, a procissão seguiu em frente. Muitas adversidades, pois “nada é fácil para o povo da Baixada”, explica uma das moradoras entrevistadas.

Conversando com aqueles que participaram daquele dia, é possível perceber a emoção na fala, na narrativa dos acontecimentos. Foi o momento marcante de todas as procissões, pois havia um simbolismo muito grande em levar a cruz, que tinha uns 5 metros de altura e pesava uns 250 Kg. A comunidade Nossa Senhora dos Mártires representava toda a resistência e aquele ano foi à consolidação da paróquia São Simão como espaço de luta e denúncia.

É importante mencionar que ao fazer essa pesquisa, percebemos que o Padre Bruno não se enxerga como protagonista, mas sim como mais um ator nessa engrenagem contra a violência. Ele sempre cita Dom Adriano Hipólito como referência e o “povo da Baixada”.

De todo modo, consideramos que a Romaria da Fé se firmou como uma significativa ação política, um momento no qual toda a comunidade se envolve para, não somente celebrar e rememorar a morte e ressurreição de Jesus, mas também, dar visibilidade a uma situação de extrema marginalização, buscando sensibilizá-la para a sua desnaturalização.

## **Outras formas de resistência**

Além da violência física, que extermina e oprime, existia sempre a violência simbólica, a qual exclui pelos meios da linguagem.

Tavares dos Santos (2009), numa reflexão a partir das ideias de Michel Foucault e de Pierre Bourdieu, define a violência como uma forma de sociabilidade

na qual se dá a afirmação de poderes, legitimados por uma determinada norma social, o que lhe confere a forma de controle social: a violência configura-se como um dispositivo de controle, aberto e contínuo”. Mas a violência não seria apenas a sua manifestação institucional, pois a força, coerção e dano em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder estaria: “seja no nível macro, do Estado, seja no nível micro, entre os grupos sociais (Idem, p 46).

Sua forma social contemporânea estaria expressa no “excesso de poder que impede o reconhecimento do outro — pessoa, classe, gênero ou raça — mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea” (ZALUAR & LEAL, 2000, p 148).

Nesse sentido, a Romaria da Fé não somente denunciava a violência no bairro, como também outros tipos de violência na localidade, como falta de saneamento básico, ausência de escolas de qualidade, desemprego, fome e desnutrição infantil. Por consequência, foram realizadas várias ações que serviram para minimizar esses problemas que seriam de responsabilidade do poder público.

Acredito que essas ações podem ser consideradas outras resistências organizadas pela Igreja São Simão. Atualmente a paróquia abrange vários bairros, formando uma grande comunidade com os mesmos objetivos, buscando justiça social, através de ações que englobam todas as comunidades envolvidas.

Cartaz convocando para Ação Social no espaço da Igreja



Fonte: Página do Facebook da paróquia. 2017

Ainda na década de 1990 houve um engajamento muito grande por parte da juventude na paróquia, participando dos chamados “grupos de jovens”, “grupos de perseverança” e “grupos de preparação para o sacramento do crisma”. Influenciados pelo trabalho educativo da paróquia, esses jovens tomaram as rédeas de muitos movimentos sociais na região e foram responsáveis por diversos serviços prestados à população. Segundo Elaine Nery Barcellos, que foi professora voluntária de alfabetização de adultos na paróquia, além de fazer esse trabalho social, era gratificante ver pessoas, muitas vezes, idosas, aprenderem a ler e a escrever.

Aqui, peço licença acadêmica em rememorar alguns eventos que eu também participei. Sem a pretensão de expor algum tipo de julgamento, mas sim referendar o que pesquisei, sendo uma testemunha dos fatos a seguir.

Em 1994, foi feito um curso de eletrônica para profissionalizar jovens e melhorar seus currículos para o ingresso no mercado de trabalho. Com o apoio de fiéis que detinham conhecimento técnico, além da participação de outros membros não participantes, o curso ajudou a profissionalizar centenas de pessoas em um momento que o país passava por profundas transformações econômicas<sup>22</sup>.

Já no ano 1996, foi criada na paróquia a Campanha da Solidariedade, inspirado nos

<sup>22</sup> Em 27 de fevereiro de 1994 com a publicação da medida provisória número 434, foi elaborado o Plano Real, que tinha como objetivo a estabilização e reformas econômicas para conter a inflação.

ideais do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho<sup>23</sup>. Havia movimentos populares que iam às comunidades mais vulneráveis para fazer um levantamento do número de crianças de crianças desnutridas e oferecer maneiras de superar essa situação. O modelo usado foi o criado pela médica Zilda Arns<sup>24</sup>, no qual era utilizado um complemento nutricional chamado de multimistura<sup>25</sup>. Não há dados quantitativos dos resultados dessa iniciativa, mas era visível a melhoria de condições de nutrição daquelas crianças nas regiões mais pobres da paróquia.

Aquele ambiente de solidariedade influenciava a todos. Numa época ainda sem redes sociais e telefones celulares, ali amadurecia um senso crítico que se espalhava por toda a paróquia, principalmente os mais jovens. Certa vez, acompanhei uma amiga que fazia o curso de serviço social e ajudava uma família de mãe solteira e cinco filhos, na qual todos tinham tuberculose. Tudo aquilo me chamava a atenção, pois tinha o apoio do Padre que era uma referência para toda aquela juventude do bairro. Nos dias atuais, os movimentos de resistência continuam atuantes. Por exemplo, existe uma farmácia comunitária que funciona com doações feitas por moradores. Um farmacêutico, em dias pré-determinados, vai a paróquia e atende pessoas pobres que precisam de algum remédio, desde que tenham a receita.

Cartaz incentivando a doação de remédios.



Fonte: Acervo paroquial

Com o grande avanço da tecnologia, mais e mais pessoas se interessam por aprender a informática, pois é algo que está presente no nosso dia-a-dia. Em tempos de modernidade de comunicação, há também incentivos a parcela da população idosa a ser inserida nesse mundo digital. A população idosa que, por fatores de transição e especificidades, fica excluída do processo de inclusão tecnológica, tem na sociedade da informação uma nova chance de reconstruir seus referenciais afetivos, familiares e sociais. Abraçando essa ideia, a paróquia promove cursos de inclusão a informática da população

<sup>23</sup> Herbert José de Souza foi um sociólogo que criou uma campanha não governamental chamada de Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Essa campanha estimulava a participação cidadã na construção e melhoria das políticas públicas sociais.

<sup>24</sup> Foi uma médica sanitária (1934-2010) que se empenhou no combate a desnutrição infantil no Brasil, fundou a Pastoral da Criança. Morreu vítima do terremoto ocorrido na cidade de Porto Príncipe, Haiti, no dia 12 de janeiro de 2010.

<sup>25</sup> À farinha múltipla ou multimistura é atribuído valor como suplemento/complemento alimentar por conta do teor e variedade dos nutrientes que possui, vindo a sua utilização, por esse motivo, sendo preconizada para recuperação/reequilíbrio nutricional.

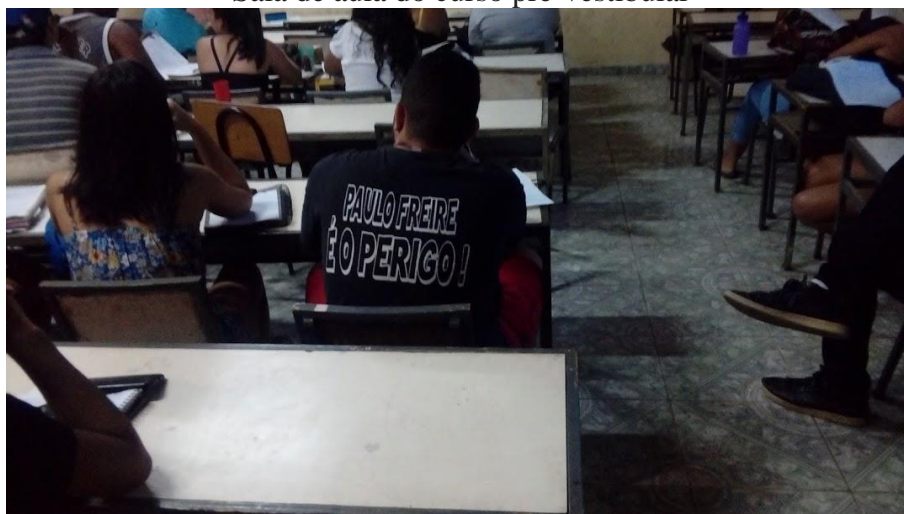
Folder de divulgação para a inclusão digital de idosos.



Fonte: Acervo paroquial.

Outra resistência que é feita dentro dos espaços da igreja, e essa, atinge diretamente os jovens, é o Curso Pré-Vestibular Comunitário. Numa das visitas que eu fiz ao espaço, conversei com alguns professores e eles diziam que a maioria dos alunos eram oriundos de escolas públicas do bairro e havia um engajamento muito grande de todos.

Sala de aula do curso pré-vestibular



Fonte: O autor, 2019

Segundo o coordenador do curso, George Ferreira Lau, essa iniciativa tem um saldo muito positivo. Cerca de 60% dos alunos conseguem ingressar no nível superior, em universidades públicas ou em universidades privadas com bolsas. Nesse espaço, além das disciplinas preparatórias para as provas do ENEM, são realizadas palestras com debates dos mais variados assuntos, sempre com um cunho social. Sexo, drogas, política, violência estão entre os temas já discutidos. Quando possível, a coordenação do curso traz ex-alunos para contar sua experiência, como foi o meu caso. Importante ressaltar, que em nenhum momento, há espaço para algum tipo de catequização, mesmo sendo dentro de um espaço religioso.



O nome do curso preparatório é bem provocativo e emblemático, chama-se Paulo Freire. O coordenador do curso, George, é membro ativo da paróquia e, junto com o padre Bruno foram os idealizadores do curso. Era preciso criar um espaço para a preparação dos jovens, um movimento de resistência contra a falta de oportunidade daqueles jovens.

Cartaz divulgador do curso.



Fonte: Acervo paroquial

Ao entrar no curso, é feito um questionário socioeconômico dos alunos e é paga uma taxa simbólica de manutenção. Os professores são voluntários, muitos são ex-alunos estudantes de cursos de licenciatura. George conta que o bispo diocesano, o então bispo de Nova Iguaçu, Dom Luciano Bergamin, visitou o espaço recentemente e falou que espaços como esse são espaços de resistência contra violência urbana, pois provocam “uma Revolução”. Desse modo, concluiu que não seria uma revolução de massa, mas uma revolução de um povo que existe, insiste e resiste.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se então à conclusão de que as intervenções feitas pela diocese de Nova Iguaçu e a paróquia São Simão ajudaram e ajudam a minimizar as consequências causadas pela deficiência de serviços públicos. Nesse sentido, ajudaram a criar um sentimento de luta por justiça social envolvendo boa parte da comunidade.

É a igreja, naquele lugar, naquela periferia, que cria movimentos em favor dos mais desfavorecidos. Dessa forma, entendemos que algumas ações desenvolvidas pela Diocese e a Paróquia, como a Romaria da Fé, funcionam como importantes estratégias político-sociais.

## REFERÊNCIAS:

ALVES, José Cláudio Souza. Violência e política na Baixada: o caso dos grupos de extermínio. Impunidade na Baixada Fluminense, 2005.

BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder. Petrópolis. Ed: Vozes, 1982.

BRUM, Mario Sergio Ignácio. Opção pelos Pobres: A Pastoral de Favelas e a reorganização do movimento de favelas no Rio de Janeiro na Redemocratização. Revista Estudos Históricos, v. 31, n. 65, p. 413-432, 2018.

CENTRO DE MEMÓRIA RAIZES DO AMAPÁ. Disponível em: <http://raizesdoamapa.blogspot.com/2011/07/chacina-do-bairro-amapa.html>. Acesso em: 20 out. 2020.

CIGOLINI, A.; CACHATORI, Thiago Luiz. Análise do processo de criação de Municípios no Brasil. Colóquio Internacional de Geocrítica, v. 12, 2012.

FREIRE, Leticia de Luna, GONÇALVES, Rafael Soares, SIMÕES, Soraya Silveira. Uma Cruzada do século XX: iniciativas católicas no campo das políticas habitacionais na França e no Brasil. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia, n. 29. p. 201-223, 2010.

GUTIÉRREZ, Gustavo. A força histórica dos pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

LINS, Marina N. Vinte e cinco anos após chacina que matou família inteira, três irmãs assassinadas permanecem mártires. **Jornal Extra**. 06 mai. 2013. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/vinte-cinco-anos-apos-chacina-que-matou-familia-inteira-tres-irmas-assassinadas-permanecem-martires-8306688.html>

MAINWARING, Scot. A Igreja católica e a política no Brasil, 1916-1985. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MONDIN, B. Os teólogos da libertação. São Paulo: Paulinas, 1980.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Violências e conflitualidades. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

SOTENOS, Abner Francisco. A igreja vigiada: a visão da comunidade de informações sobre a atuação político-religiosa do bispo d. Adriano Hipólito 1974-1985. XV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio 2012.

SOUSA, Josinaldo Aleixo de. Sociabilidades emergentes, implicações de dominação de Matadores na periferia e traficantes nas favelas. Dissertação (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, universidade Federal do Rio de Janeiro . Rio de Janeiro 2001.

VEIGA, Alfredo César da. Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual. São Paulo, SP, 2009. Tese de Doutorado em História Social USP/ FFLCH. São Paulo, 2009.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 16, 2000, p. 145-64.

### **Sites pesquisados:**

<https://acervo.oglobo.globo.com/>

<https://www.facebook.com/groups/paroquiasaosimao/>

### **Imagens:**

Acervo da Paróquia São Simão

Acervo pessoal.